

A REPETIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gilton Sampaio de Souza¹

José Cezinaldo Rocha Bessa²

Crígina Cibelle Pereira³

giltonsampaio@uern.br

cezinaldobessa@yahoo.com.br

criginacibelle@yahoo.com.br

RESUMO: Neste trabalho analisamos a utilização da repetição na construção de textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, observando como o fenômeno da repetição se apresenta, no processo de interação da linguagem, em textos falados e escritos, e que funções, textuais e/ou discursivas, exercem nos textos analisados. Isto, porque acreditamos, como outros estudiosos (MARCUSCHI, 199; BESSA NETO, 1991), que tanto na fala quanto na escrita a repetição tenha importantes funções a desempenhar. Visamos também a contribuir para uma descrição mais detalhada do uso do código escrito da Língua Portuguesa em contextos escolares, especialmente no uso da repetição. O *corpus* utilizado neste estudo é composto de trinta e três (33) redações escritas por alunos da 3ª e 4ª séries de treze (13) escolas públicas da zona rural, vinculadas à Secretaria Municipal de Educação, do município de Encanto, no Estado do Rio Grande do Norte. No *corpus* analisado todas as funções textuais presentes na oralidade foram encontradas também na escrita, com pequenas variações. Inicialmente, defendemos que não é possível tirar conclusões permanentes, contudo, podemos afirmar, com base na análise realizada, que a repetição exerce importantes funções textuais na construção de textos em Língua Portuguesa, independentemente da modalidade em uso.

PALAVRAS-CHAVE: redações escolares; repetição; produção textual.

¹ Professor do Departamento de Letras (*Campus* de Pau dos Ferros) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

² Professor do Departamento de Letras (*Campus* de Pau dos Ferros) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

³ Doutoranda em Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/PPgEL, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe-se a apresentar uma análise da utilização da repetição na construção de textos escritos por crianças do Ensino Fundamental, no intuito de observar como o fenômeno da repetição se apresenta e que funções ela desempenha nos processos interacionais e de constituição de sentidos (BAKHTIN, 1997, 2003) nesses textos. Considerando que o uso da repetição na produção escrita é um fenômeno recorrente, muito discutido no Ensino Fundamental, especialmente nas séries iniciais, e também já observado em outros estudos por nós realizados (SOUZA, 1999a, 1999b), partimos, então, da premissa de que tanto na língua oral quanto na escrita, considerando os processos dialógicos dos discursos e os mecanismos de constituição de sentidos nos textos, a repetição tem importantes funções a desempenhar nos processos de interação pela linguagem. Além disso, buscamos, também, com este trabalho, contribuir para uma descrição mais detalhada do uso do código escrito da Língua Portuguesa em contextos escolares, especialmente no uso da repetição e, por conseguinte, colaborar com as discussões sobre os processos interacionais de produção escrita e de ensino e produção de textos e discursos na Educação Fundamental.

Para tanto, utilizamos um *corpus* constituído por trinta e três redações escritas por crianças de escolas públicas da zona rural de um pequeno município do Estado do Rio Grande do Norte. O processo de construção dessas redações ocorreu dentro das atividades consideradas normais no dia-a-dia da sala de aula e foi coordenado pelos próprios professores e professoras regentes. A orientação dada para os procedimentos metodológicos referentes à construção dos textos pelos alunos foi similar em todas as escolas. O tema sugerido para as produções deveria ser o mesmo: *As festas juninas*, pois esse tema permitia que as crianças se envolvessem bastante com a proposta de redação, uma vez que estavam participando ativamente das comemorações alusivas a essas festas, das mais tradicionais da região.

Utilizaremos, para a análise, os símbolos (M) para Matriz e (R) para a identificação da Repetição nos textos, para cuja organização, o número de cada um deles está relacionado à sua localização no *corpus* original. Ficam, então, entre os números 77 e 109. Em seguida ao número do texto, aparece a série em que estuda e a idade da criança.

Depois dos textos coletados, fizemos a transcrição para o computador sem nenhuma alteração nos seus aspectos morfológicos, sintáticos e discursivos. Dessa forma, temos uma maior clareza sobre as suas construções, permitindo-nos analisar se houve ou não alguma

influência de outros gêneros da língua falada e da escrita. E, caso tenha havido essa influência, que fala e que escrita funcionaram como modelos de gêneros. Isto porque partimos do pressuposto de que essas produções representam um gênero textual específico (a redação escolar), com uma tipologia própria, em um contexto interacional discursivo de uso bem delimitado e com um propósito comunicativo claro a desempenhar; e que, por isso, sua maior ou menor formalidade no uso vai depender de todas essas condições, e não somente de sua localização no binômio fala/escrita.

2. DEFININDO A REPETIÇÃO

Repetir não pode ser simplesmente a ocorrência de um mesmo elemento lingüístico, duas ou mais vezes, em um mesmo enunciado, pois a repetição exerce também funções textuais e discursivas no uso da língua. Assim, “repetir é produzir uma segunda vez um segmento discursivo num mesmo evento comunicativo. Segmento discursivo significa uma produção dentro de um discurso” (MARCUSCHI, 1992: 33). Se repetir “é produzir uma segunda vez um segmento discursivo”, ratificamos, com base nas perspectivas de Marcuschi (1992) e Bessa Neto (1991), que esse segmento tanto pode ser desde um item lexical até uma oração completa, ou um sintagma, ou um morfema, ou mesmo um fonema, como demonstraram esses autores.

Portanto, é com esse entendimento que pretendemos discutir o tema e compreender que a repetição é um fenômeno característico dos discursos, é dialogicamente constitutivo da linguagem, e não somente da fala, como já apontado por vários autores, mas também da língua escrita. Acreditamos que o maior ou menor uso das repetições, nessa perspectiva, está mais relacionado ao propósito comunicativo (interacional) do gênero discursivo em foco (SOUZA, 2006), às condições de produção do discurso (incluindo aqui o papel dos interlocutores no processo dialógico de constituição de sentidos), ao tipo de texto e ao contexto imediato em que foi praticado do que ao tipo de modalidade da língua utilizada (MARCUSCHI, 1995). No caso específico das redações escritas por crianças, também há uma relação com o grau de letramento dos produtores dessas redações (SOUZA, 2005; TFOUNI, 1995).

2.1 ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS DA REPETIÇÃO

Para discorrer sobre o uso da repetição na língua escrita, recorreremos às propostas elaboradas por Marcuschi (1992), Tannen (1989) e Bessa Neto (1991), sendo que os dois últimos servirão como apoio, uma vez que, no presente trabalho, almejamos testar, na escrita, a classificação funcional de Marcuschi (1992), produzida para a língua falada, especificamente sobre as funções textuais. Para fazer a sua análise Marcuschi (1992: 19) trabalha somente com o *corpus* do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), pois isto lhe permitia “a suposição da não necessidade de controle de variáveis sociolinguísticas uma vez que todos os falantes são pessoas cultas, com formação universitária”.

Considerando os objetivos deste trabalho, apresentamos, sinteticamente, a perspectiva de Marcuschi (1992) para uma identificação das formas e funções da língua falada. Marcuschi (1992: 01) nos mostra que “a repetição é um fenômeno característico da língua falada; que se realiza de maneira ordenada e sistemática com formas e posições muito variadas, exercendo funções tanto textuais como discursivas”. Assim, organiza as características mais gerais da repetição em três grandes níveis: *dimensão*, *aspecto* e *marca*. No nível da *dimensão* surgem dois subgrupos: forma e função. No *aspecto*, surgem os subgrupos de produção, segmento, distribuição e configuração (ligados à forma) e os de texto e discurso (ligados à função). Já as *marcas* estão relacionadas, ao mesmo tempo, ao *aspecto* e à *dimensão*. Para entendê-las melhor, apresentaremos as suas definições, de acordo com Marcuschi (1992).

Dimensão de forma é aqui tomada “no sentido de uma evidência ou manifestação abstrata empiricamente detectável e descritível” (MARCUSCHI, 1992: 49). Para o *aspecto produção* o indicador decisivo é a estrutura de participação. As suas *marcas* aparecem como “*auto-repetição* (em que a M e a R são produzidas pelo mesmo falante) e a *heterorrepetição* (em que a M e a sua R são produzidas por falantes diversos)” (p. 50).

O *aspecto segmento* “é um dos mais importantes porque determina a base geral da tipologia [...], tem como marcas as unidades estruturais da língua” (MARCUSCHI, 1992: 50). Suas *marcas* se apresentam através de fonemas, morfemas, lexemas, sintagmas e orações. O *aspecto distribuição* refere-se à distribuição da R, de acordo com a sua localização no texto. As suas *marcas* são de contigüidade, proximidade e distanciamento, em relação à Matriz. O *aspecto configuração* “diz respeito à relação entre uma R e sua M” (p. 56). Tem as *marcas* de literalidade (R idêntica) ou de variação (de forma e conteúdo).

Na *dimensão de função* na língua falada, os *aspectos* surgem como sendo *Textual e Discursivo*, cujas definições Marcuschi (1992: 114) nos que

as funções textuais são aqui tratadas na sua realidade de imanência ao texto, ou seja, no aspecto êmico, situadas na ordem de linearidade do texto. Por outro lado, *as funções discursivas* têm um caráter ético, vinculado à compreensão, aos objetivos argumentativos e aos fenômenos da interação.

Nessas circunstâncias, as funções textuais estão relacionadas à estrutura superficial do texto, à sua linearidade e às suas conexões lingüísticas; já as funções discursivas vinculam-se ao processo interacional do texto, às próprias características da coerência e da interação, e ao processo de argumentação e compreensão. No entanto, Marcuschi (1992: 115) alerta também para o fato de que, na prática, “a R opera em dois níveis interligados e se caracteriza, em geral, como multifuncional.”

As *funções textuais* se viabilizam com as *marcas* de coesão e de formulação. Por conseguinte, as marcas de *coesão* desempenham as suas próprias funções específicas, que são as de referência e seqüenciação. As marcas de *formulação* também exercem várias funções específicas, ou seja, atuam na reconstrução de estruturas, na correção, na expansão, na parentetização e no enquadramento dos textos, para as funções textuais.

As *funções discursivas* têm as *marcas* de auxílio à compreensão do ouvinte, de organização do tópico discursivo, de argumentação e de promover a interação entre os falantes. A marca de *Auxílio à compreensão* desempenha o seu papel sob as funções específicas de Intensificação, Reforço e Esclarecimentos. Já a marca de *Organização do tópico discursivo* aparece especificamente como Amarração Intermitente, Reintrodução do Tópico, Delimitação de Episódios e Atualização de Cena. Na marca de *Argumentação* há funções específicas de Reafirmação, Contraste e Contestação. A última marca trabalhada por Marcuschi (1992) nas funções da repetição da língua falada foi a de *Promover a interação*, cujas especificidades são Monitoração da Tomada de Turno, Ratificação de Papel de Ouvinte, Criação de Humor/Ironia, Incorporação e Responsividade. São essas, portanto, as terminologias utilizadas na identificação das funções da repetição, em textos falados na norma culta, proposta por Marcuschi (1992). Como ainda não explicitamos uma definição para cada uma delas, faremos isso, dentro do possível, na identificação das repetições com funções textuais, na língua escrita.

Além de Marcuschi (1992), Bessa Neto (1991) também estuda o fenômeno da repetição, mas restringe seu foco a narrativas e, especificamente, à repetição lexical. A

referida autora, ainda, elabora uma classificação para a identificação do uso de todas as repetições, que em muitos aspectos é similar à proposta de Marcuschi (1992) especialmente, na dimensão formal. Parte da hipótese de que “a repetição lexical é mais frequente e cumpre maior número de funções no texto narrativo oral do que no escrito” (BESSA NETO, 1991: 06). Desse modo Bessa Neto (1991) elabora um trabalho contrastivo entre a língua falada e a língua escrita, em textos com estruturas narrativas. Respaldamo-nos, ainda, a classificação de Tannen (1989) que trabalha com as categorias de *produção*, *compreensão*, *conexão*, e *interação*, defende que a junção de todas elas favoreça ao estabelecimento de coerência e de envolvimento interpessoal dos interlocutores. Sendo assim, ela desenvolve toda a sua pesquisa partindo da perspectiva de *envolvimento*.

3. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DAS REPETIÇÕES NOS TEXTOS ESCRITOS: UMA ANÁLISE DO CORPUS

Considerando que a repetição tem um papel a desempenhar também no texto escrito, apresentamos alguns exemplos para uma identificação das funções textuais, com base na proposta de classificação elaborada por Marcuschi (1992). Isto porque, no momento, ainda não é nossa intenção fazer uma nova proposta. Faremos, então, uma aplicação na língua escrita da classificação elaborada para a língua falada.

3.1 FUNÇÃO TEXTUAL DE COESÃO

3.1.1 COESÃO SEQÜENCIAL

Para Marcuschi (1992: 117), “a repetição com a função de coesão seqüencial trata-se de uma relação textual em que o aspecto referencial é pressuposto, mas não é o enfocado”. Veja o exemplo:

(84) II - REC - 340 - 1. 646 -649
1 adoro visitar parentes
2 fui na casa de uma tia
3 fui na casa de uma prima
4 fui na casa de um irmão... (p. 117)

Faremos, aqui, as intervenções e comentários, as análises, junto ao *corpus* escrito (redações das crianças), embora essas análises possam se referir também ao *corpus* de língua

falada. Nos textos escritos pelas crianças, encontramos várias repetições de estruturas com esta função seqüencial.

Ex: 1 - TEXTO 77, 3ª, 09 anos:

As festas juninas [...]
no dia de são João eu já foi por Chuaco lá na casa de minha madrinha *tem_adviasão*
(M) *tem fogueira* (R) meu Pai deu Chupinho CoBinha

Duas atividades características do dia de São João são recuperadas, no texto 77, pela ocorrência de duas proposições paralelas: “*tem adviasão*” (M) e “*tem fogueira*” (R). No exemplo (84), o enfoque é dado sobre as visitas aos parentes, cuja proposição “*fui na casa de uma tia*” se torna a (M), sendo as repetições uma coesão por seqüenciação.

3.2 COESÃO REFERENCIAL

Para Marcuschi (1992: 120), “dois elementos se repetem referencialmente quando têm o mesmo referente, seja ele um indivíduo, um objeto, um fato ou conteúdo proposicional”. Esse tipo de repetição poderá ocorrer sob duas formas:

3.2.1 POR DENOMINAÇÃO DO REFERENTE

É a repetição de um mesmo elemento lingüístico, com uma R-Literal, na mesma posição sintática, geralmente pós-verbal. Marcuschi (1992) apresenta o seguinte exemplo:

(88) II - REC - 340 - I. 426 -444
1 L1 /.../ acho interessante o trabalho entendeu ?
2 embora seja um trabalho assim filantrópico
3 mais um trabalho de filantropia [...] (p.121)

No *corpus* escrito, identificamos essa ocorrência em muitos textos, dentre os quais ilustramos com o que se segue:

Ex: 2 - TEXTO 101, 4ª, 13 anos:

As festas juninas [...]
Todos os anos teremos muitas festas festejando também o S. João (M) que é muito bom Para as Pessãos diverti-se com seus amiguinhos é eu desejo que todas as festas juninas e o São João (R) sejam ali amor Paz e tranqüilidade [...]

Tanto a primeira ocorrência do SN “o São João”, como a segunda, ambas ligadas às características das festas juninas, estão na mesma posição pós-verbal e remetem a um único

acontecimento: as festividades alusivas ao dia de São João. Esse recurso utilizado pela criança é similar ao apresentado no texto (88), no qual o SN “o trabalho” é repetido duas vezes.

3.2.2 POR CONFIRMAÇÃO DO REFERENTE

O uso da repetição com a função de confirmação de referente ocorre quando há “uma reduplicação no mesmo ambiente sintático com a intercalação de um breve comentário (um marcador conversacional de confirmação) entre a M e a R”.

Marcuschi (1992: 121) apresenta o exemplo seguinte:

(90) II - REC - 340 - 1.1387 - 1389
1 L1 trabalha com *Bráulio* né ?
2 L2 é e os que não / chega: vam
3 L1 / *Bráulio Tavares* (p.121)

Nos textos escritos pelas crianças, também há um tipo de repetição, similar ao do texto conversacional:

Ex: 3 - TEXTO 83, 3ª, 10 anos:

As festas juninas [...]
No São João (M) as pessoas festas jaram O São João, (R) todas pessoas [...]

No caso do texto escrito, a confirmação do referente veio como um SN, na função de objeto direto. Observamos que a criança quis confirmar que “as pessoas festejaram ‘o São João’” mesmo, e não outra festividade junina, uma vez que, em seu texto, o SN “São João” surge, também, como sinônimo de festas juninas. No caso do texto (90), apresentado por Marcuschi, L1 disse que “*trabalhava com Bráulio*”, mas como L2 não demonstrou muito interesse, L1 repete “*Bráulio Tavares*”.

4. FUNÇÃO TEXTUAL DE FORMULAÇÃO

A repetição também desempenha uma função de formulação textual na construção de textos orais e escritos; ela “diz respeito às estruturas utilizadas pelo falante para compor suas contribuições” (MARCUSCHI, 1992: 122), e aparece sob diversas formas.

4.1 RECONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS

Refere-se ao uso da repetição aproveitando materiais lingüísticos prévios para a elaboração, em seus textos, de algo não necessariamente novo. Apresentamos um exemplo dado por Marcuschi (1992), tirado de seu *corpus*.

(93) II - REC - 340 - 1. 1.341 - 1353

1 L1 a gente tem muitos grupos de dança bons
2 agora tudo muito aí escondido ainda entendeu?
3 num é divulgado
4 mas é muito bom [...]
6 mas a gente em grupo de danças assim
7 que não tem muita divulgação
8 mas que são muito bom (p.123)

O Texto 83 também utiliza esse mesmo recurso lingüístico de reconstrução de estruturas, através de repetições, para estabelecer um tipo específico de formulação:

Ex: 4 - TEXTO 83, 3ª, 10 anos:

As festas juninas
As festas juninas foram ótimas para mim (M1)
Eu me diverti muito. (M2) No São João teve festas, teve brincadeiras, teve quadrilha etc
No São João as pessoas as festas jaram o São João, (M3) todas pessoas acharam o São João bonito [...]
O São João este ano foi muito importante (R1.1)
Nas festas juninas todas pessoas se divertem (R1.2)
As festas juninas teve muitos festejos para o São João (R1.3)”

O enfoque desse texto recai sobre as festas juninas, especialmente o São João. Para isso, várias estruturas e enunciados são repetidos, sob estruturas reconstruídas: o gosto pelas festas juninas (M1), o divertimento dessas festas (M2) e os festejos comemorativos do período (M3). Esse recurso de reconstrução pela repetição é muito semelhante ao que Marcuschi observa na língua falada.

4.2 CORREÇÃO

Marcuschi ressalta que nas correções através de repetições não interessam os casos mais simples de correções; este recurso lingüístico deve ir além da correção lexical, de pronúncia ou de equívoco no gênero ou número.

- (94) II - REC - 340 - 1. 648 -649
1 L1 sai fazendo *um verdadeiro*...
2 éh éh éh assim
3 *uma verdadeira* missão parentesca (p.123)

Recurso lingüístico de formulação, a repetição por correção aparece tanto na oralidade como na escrita. Neste exemplo do *corpus* da língua escrita, mostramos o seu uso pelas crianças.

Ex: 5 - TEXTO 80, 3ª, 14 anos:

As festas juninas
Dia de Santo Antônio é muito importante Porque tem muitos festejos bonba e teve a rado teve caniada com Santo Antônio Santo Antônio passao na casas a gente contanos muito cantos bonito Sim *na capela* (M) campraro San *na capela* (R) tem [...]

Acreditamos que a repetição do sintagma adverbial “*na capela*”, com a função de correção, desta produção, pode ter ocorrido pelo motivo de que a criança tenha desistido de dizer “na Capela compraram um Santo”, que poderia ser São José, por exemplo. A construção dessa frase poderia trazer constrangimentos para uma pessoa católica. Por isso corrigiu o seu enunciado, para colocar que “*na capela tem São José*”.

4.3 EXPANSÃO

É uma repetição literal de um dado elemento lingüístico, no qual se adiciona um acréscimo na produção lingüística. Poderá ocorrer também com estruturas justapostas. Apresentamos um dos exemplos propostos por Marcuschi (1992):

- (95) II - REC - 340 - 1. 1.381 - 1388
1 L2 os presentes que eu ganhava lá
2 eram por exemplo
3 eram o lenine né ?
4 eram o: Zé Rocha
5 que era um pessoal de Lula Cortes
6 que era um pessoal que tocava aqui né
7 que era o pessoal que faz o a a o trabalho aqui né? (p.124)

Esse tipo de repetição também ocorre em muitos casos nos textos escritos. No entanto, um estudo mais aprofundado do *corpus* com o qual trabalho poderá permitir novas classificações, ou mesmo, agrupamentos ou subdivisões de algumas delas. Apresentamos um exemplo de um uso de repetição que consideramos como sendo esta função textual:

Ex: 6 - TEXTO 93, 4ª, 15 anos:

As festas juninas

No dia 23 de junho comemoro as festas juninas que é muito bonito e nas festas tem muitas coisas(M) Prorizado. tem cadila(R1), tem muitas festas (R2) tem muito comida e festas por todos os canto (R3) tem a festa de santo Antônio (R4)

A retomada literal de núcleo verbal *tem*, no texto 93, com o acréscimo de novas informações, e explicações detalhadas sobre a proposição “*tem muitas coisas*”, possibilita a expansão do texto. No texto (95), de Marcuschi, ocorre caso semelhante com os tipos de “presentes” que L2 ganhava.

4.4 PARENTETIZAÇÃO

A repetição textual por formulação através de parentetização, para Marcuschi, (1992: 125), “trata-se da função exercida pela R que ocorre logo após o encerramento de um parêntese (geralmente uma inserção qualquer) em que o enunciado original é retomado”.

Para o texto falado, trago este exemplo, discutido por Marcuschi:

- (97) III - SP - 343 - 1.701
1 L1 então o cara aí ...
2 analogia né ?
3 o cara está no carro mas (p.125)

Esse fenômeno também ocorre nos textos escritos:

Ex: 7 - TEXTO 85, 3ª, 11 anos:

[...] São João nós e no São Pedro eu e meus amigos vamos soltar bombas, e balões e também no São Pedro *eu a cho que temos que fazer uma grande fogueira para açar milho verde e carne.* (M)

Eu acho que uma fogueira é muito divertida Para todos nós.

Deus fiz o São João e São Pedro para os filhos dele se divertir muito soltar balões e soltar bombas e também *ele achou que nós queríamos fazer alguma fogueira.*(R)

Há uma diferença entre o texto oral (97) e o texto escrito (85) na dimensão formal da repetição. Enquanto no primeiro é uma R-Lexical, no segundo, é uma retomada do tema central do texto, “São João e São Pedro”, e de todo enunciado; é uma repetição, com variação, do primeiro parágrafo. Nos dois textos, (97) e (85), há uma inserção de uma nova informação.

4.5 ENQUADRAMENTO

A repetição de elementos lingüísticos com a função específica de enquadramento ocorre nos textos como se fosse uma moldura, uma avaliação. Marcuschi discute, entre outros, o seguinte exemplo.

- (102) V - REC - 266 - 1. 816 - 817
1 L2 o fato é que *eu hoje existo ...*
2 porque eu me sinto né?
3 eu me pego
4 me encontro
5 então *eu existo* (p. 127)

Para exemplificar essa função da repetição, comentamos o texto 97, já citado aqui neste trabalho.

Ex: 8 - TEXTO 97, 4ª, 10 anos:

O São João

O São João foi Muito importante para Min (M) por que eu Passei em casa com minha Família. e dançei no São João com Minhas amigas e comi Milho assado e carne de porco cosinhada [...] o são João e Muito legal porque a Gente dança quadrilha com calças e camisa, e as mulheres dança com vestido [...] é Muitas comidas deferente e Festas Juninas, o são João foi Muito bon Para Min (R) [...]

Falando sobre a importância do São João para ela, a criança repete, na conclusão de seu texto, como se fosse uma avaliação ou moldura, a proposição inicial. Ela possibilita um enquadramento do enunciado, uma vez que escreve todo o texto tentando provar que o “*São João foi Muito bon Para Min*”. No texto (102), trabalhado por Marcuschi, L2 quer convencer ao seu interlocutor, por vários motivos, que ele (L2) existe. Recorre, para isso, também ao enquadramento sob forma de repetição, para formular o seu texto.

CONCLUSÃO

Com base no que foi exposto neste texto, podemos tecer alguns comentários sobre o uso da repetição na língua escrita, notadamente acerca do gênero redação escolar. Inicialmente, ressaltamos que não é possível tirar conclusões permanentes, mesmo por que elas não existem; e, depois, pelo fato de que, como expusemos durante as intervenções, o nosso maior objetivo aqui era aplicar uma classificação dos usos da repetição nos processos interacionais da linguagem, em textos falados e escritos e, especificamente, verificar as suas

funções textuais, contribuindo, assim, para uma descrição do funcionamento da língua portuguesa, especialmente na modalidade escrita.

Podemos, então, afirmar que, no *corpus* analisado, todas as funções textuais presentes na oralidade foram encontradas também na escrita, com pequenas variações. Por conseguinte, acreditamos que ficou evidente que a repetição exerce importantes funções, textuais e/ou discursivas, na constituição de sentidos da língua portuguesa, independente da modalidade da língua em uso.

Além disso, vimos que o uso das repetições se dá em gêneros textuais diversos (entrevista e redação escolar) e que, independente da localização do falante, ou do grau de instrução que ele possua, a repetição tem uma função a desempenhar na construção de seus textos. E que, no caso específico dos textos construídos pelas crianças, as suas repetições que, numa primeira análise, parecem desconexas, são, na verdade, ordenadas, sistemáticas e, muitas vezes, necessárias ao processo de construção de textos escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
2. BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. LATIVO; Y. F. VIEIRA. São Paulo: HUCITEC, 1997.
3. BESSA NETO, Regina. **A repetição lexical em textos narrativos orais e escritos**. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado, 1991;
4. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A repetição na língua falada: formas e funções**. Recife: UFPE, Tese para Concurso de Professor Titular em Lingüística da UFPE, 1992;
5. _____. **Oralidade e escrita**. Natal: UFRN. (Conferência pronunciada no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre linguagem e Educação, em Natal, 23-26 de junho de 1995), mimeo, 17 p;
6. SOUZA, Gilton S. de. Algumas reflexões acerca da contribuição de Bakhtin para o sócio-interacionismo da linguagem. In: PONTE, C. A. et all. (orgs). **V Semana de Estudos Lingüísticos e Literários de Pau dos Ferros**. Mossoró: Editora Queima Bucha, 2006;
7. _____. **Aspectos formais e funcionais da repetição na produção escrita de professores**. Dissertação de Mestrado. Natal: UFRN, 1999a;
_____. O caráter resumitivo da repetição na produção escrita de professores. In: MOURA, Denilda (org). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: EDUFAL, 1999b;

8. _____. Alfabetização e letramento: algumas discussões teóricas para uma política de leiturização. In: **Anais do V Seminário de Pesquisa do CCSA/UFRN**. Natal: Editora da UFRN, 2005;
9. TANNEN, Deborah. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. (Studies in Interactional Sociolinguistics 6), Cambridge University Press, 1989;
10. TFOUNI, Leda V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez Editora, 1995. (Col. Questões de Nossa Época, v 47).

RESUMO: Neste trabalho analisamos a utilização da repetição na construção de textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, observando como o fenômeno da repetição se apresenta, no processo de interação da linguagem, em textos falados e escritos, e que funções, textuais e/ou discursivas, exercem nos textos analisados. Isto, porque acreditamos, como outros estudiosos (MARCUSCHI, 199; BESSA NETO, 1991), que tanto na fala quanto na escrita a repetição tenha importantes funções a desempenhar. Visamos também a contribuir para uma descrição mais detalhada do uso do código escrito da Língua Portuguesa em contextos escolares, especialmente no uso da repetição. O *corpus* utilizado neste estudo é composto de trinta e três (33) redações escritas por alunos da 3ª e 4ª séries de treze (13) escolas públicas da zona rural, vinculadas à Secretaria Municipal de Educação, do município de Encanto, no Estado do Rio Grande do Norte. No *corpus* analisado todas as funções textuais presentes na oralidade foram encontradas também na escrita, com pequenas variações. Inicialmente, defendemos que não é possível tirar conclusões permanentes, contudo, podemos afirmar, com base na análise realizada, que a repetição exerce importantes funções textuais na construção de textos em Língua Portuguesa, independentemente da modalidade em uso.

PALAVRAS-CHAVE: redações escolares; repetição; produção textual.

ABSTRACT: This work analyzes the use of repetition at text written by students at elementary school, looking at how repetition phenomena occur in the language interaction process in oral as well written text. We also see what textual or discursive functions work in the analyzed text. We do that because we believe such as in other early studies like in Marcuschi (1999) and Bessa Neto, (1991) that such in speech as in written the repetition have to develop important functions. We aim through this research, to help in a more detailed description in the use of written code of Portuguese Language in school contexts, especially in the use of repetition. The *corpus* is formed by thirty-three scholar texts of students from third and fourth series from thirteen public schools from country zone linked to Secretaria Municipal de Educação, at Encanto city in Rio Grande do Norte State. We detach that in the analyzed corpus all textual functions present at oral expression were also present at written text with some kind of variations. First of all, we understand that any final conclusion is possible, nevertheless we can state, based on made analysis, that repetition practices very important textual functions in Portuguese Language text production, in both use modality (written and oral texts).

KEYWORDS: school text production, repetition, text production.

Recebido no dia 05 de junho de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 13 de julho de 2009.